

## OS USOS DE “VOCÊ” COMO FORMA DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DE FALANTES CULTOS

---

DENISE DURANTE\*

---

### RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o emprego do pronome *você* em interações orais, em português. O *corpus* utilizado corresponde a entrevistas realizadas no programa *Sem Censura*, cujo tema foi “Expoentes da chamada Geração Y”. Adotaram-se os pressupostos teóricos da Análise da Conversação, em particular os estudos de Marcuschi (1986) e Barros (2013). Partimos da hipótese de que o pronome de indeterminação do sujeito *você* pode ser utilizado pelos falantes para a obtenção de efeitos expressivos, entre os quais se inclui o envolvimento emocional entre os interlocutores.

PALAVRAS-CHAVE: oralidade, pronomes, entrevista.

---

### 1. INTRODUÇÃO

Os processos de mudança linguística, como se sabe, são impulsionados pelos usos da linguagem, nas modalidades falada e escrita. Ao falar e ao escrever, contribuimos para reforçar ou estimular as tendências de mudança da língua. O pronome *você* pode ser ilustrativo desse aspecto e oferecer aos pesquisadores da língua portuguesa possibilidades de reflexão teórica. Diante da variação do uso de *você*, nas diversas situações e contextos de comunicação no português falado no Brasil, consideramos importante a análise sobre os empregos desse pronome na modalidade falada. Entendemos que a pesquisa sobre os usos de *você* na oralidade pode contribuir para o conhecimento sobre os mecanismos de construção dos textos falados, tema de interesse na

---

\* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Professora Titular da Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: denisedurante@uol.com.br

pesquisa linguística nas últimas décadas, em particular no âmbito da Análise da Conversação.

O objetivo específico deste artigo é analisar alguns dos efeitos expressivos do uso de *você*, como pronome indefinido, na interação oral. Consideram-se na análise aspectos de dialogicidade (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006), bem como de envolvimento emocional e interacional na comunicação oral dos chamados “falantes cultos” (PRETI, 1997, p. 31). Retoma-se aqui o conceito de falante culto conforme os critérios adotados pelo Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta). Nas pesquisas do Projeto, classifica-se o falante culto como o indivíduo que possui nível universitário, ou seja, o falante instruído formalmente e que, portanto, foi exposto à norma explícita no ambiente escolar, como esclarece Preti (1997, p. 31):

Essa ambiguidade da norma culta, ao mesmo tempo uma entre as demais normas e a norma de prestígio e da autoridade, presidiu também a organização do material do Projeto NURC. O Projeto não diz em nenhum momento que considera como norma culta a dos falantes “literatos” ou a dos falantes da classe dominante, mas sim a dos “falantes cultos”. O termo “culto” deve ser aí entendido em uma de suas acepções, a de “instruído”. Assim os informantes do Projeto NURC devem ter nível universitário. Pode-se dizer que são falantes que na escola “aprenderam” ou “confirmaram” a norma explícita, já que a escola é um dos lugares estratégicos de sua difusão.

Conforme se caracteriza a Análise da Conversação no que concerne à metodologia, utiliza-se, neste trabalho, o método indutivo e parte-se de dados empíricos. Cabe esclarecer que as transcrições das entrevistas que utilizamos seguem as regras para transcrições estabelecidas pelo Projeto NURC-SP.

O *corpus* analisado neste artigo foi extraído de um dos episódios do programa *Sem Censura*, veiculado em 23 de maio de 2014, pela TV Brasil, cuja sede é no Rio de Janeiro. O programa foi criado em 1981 e, conforme consta no *site* da emissora<sup>1</sup>, é apresentado há 16 anos pela jornalista e editora-chefe Leda Nagle (primeira locutora da entrevista e designada nas transcrições deste trabalho como L1). De

alcance nacional, *Sem Censura*, cuja duração é de 1h30, aborda temas da atualidade, nas mais diversas áreas do conhecimento. O programa é realizado normalmente com a participação de cinco ou seis convidados.

O episódio que analisamos teve como tema “Expoentes da chamada Geração Y”, conforme consta no *site* do programa<sup>2</sup>. Cinco jovens foram entrevistados pela apresentadora, todos com menos de trinta anos e com “sucesso” profissional. Das entrevistas realizadas no episódio, selecionamos duas para formar nosso *corpus*: a entrevista de Soraya Bastos (segunda locutora da entrevista e referida nas transcrições dos textos analisados como L2), juíza, de 27 anos, e a entrevista concedida por Vítor Willcox (terceiro locutor da entrevista e identificado nas transcrições como L3), que, como informa o *site* do programa, na internet, foi o advogado mais novo a assumir, aos 24 anos, um cargo na história da Procuradoria Geral do Município do Rio de Janeiro.

Conforme relatado nas entrevistas, ambos os jovens precisaram passar por difíceis provas de concursos públicos para ingressarem nos cargos que almejavam, o que justifica serem considerados “expoentes da chamada Geração Y”. Os dois jovens são formados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no curso de Direito. Soraya Bastos é também formada em Ciências Contábeis, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). A análise da produção oral dos dois jovens advogados pareceu-nos propícia para o estudo dos usos na oralidade do pronome *você*, na medida em que se trata de indivíduos que, por gozarem de aprovação em concursos públicos de alta competitividade e pela formação acadêmica que possuem, podem dominar conhecimentos amplos sobre a norma padrão da língua portuguesa para o uso escrito, bem como as estratégias conversacionais. A formação acadêmica dos entrevistados está, portanto, de acordo com o referido conceito de “falante culto”, o que se adapta aos objetivos de nossa pesquisa. Consideramos que a produção oral desses indivíduos poderia fornecer-nos uma amostra dos usos de *você* como forma para indeterminação do sujeito entre indivíduos com formação educacional elevada.

Nos trechos das entrevistas que coletamos e transcrevemos, os falantes utilizaram predominantemente o registro coloquial e a linguagem informal. Apesar de o programa contar com cinco

entrevistados, enfocamos em nossa pesquisa os trechos nos quais Leda Nagle (L1) interage primeiramente com Soraya Bastos (L2) e, em seguida, com Vítor Willcox (L3). Seleccionamos para análise turnos de fala desses locutores em que ocorre, com frequência, o uso do pronome “você”. Esclarecemos também que a transcrição integral das entrevistas não caberia nas dimensões deste artigo. Sugerimos ao leitor que assista às entrevistas completas no endereço eletrônico do *site* do programa, conforme anteriormente indicado.

## 2. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA INTERAÇÃO ORAL EM ENTREVISTAS

Para analisarmos alguns dos efeitos de oralidade do uso de *você* como pronome indefinido no *corpus* selecionado, faz-se necessário termos em vista inicialmente algumas características do gênero entrevista.

A entrevista faz parte das práticas sociais de comunicação e diferentemente da conversação espontânea, caracteriza-se, de modo geral, por ser uma comunicação verbal assimétrica. No contexto da Análise da Conversação, Marcuschi (1986) distingue diálogos assimétricos de diálogos simétricos (como as conversas diárias e naturais), sendo que, entre os primeiros, estão incluídas as entrevistas, os inquéritos e a interação em sala de aula. Os diálogos assimétricos são aqueles em que “um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outro(s)” (MARCUSCHI, 1986, p. 16). Conforme descreve Barros (2013), nas entrevistas, um dos participantes, o entrevistador, tem a função de dar início e finalizar a conversação, sendo ele também quem distribui os turnos de fala, seleciona o tema da interação, atribui caráter mais contratual ou mais polêmico à interação e determina o regime de interação.

Ademais, a conversação espontânea e algumas entrevistas se distinguem no que diz respeito ao tempo de enunciação, o que interfere nas condições de planejamento textual e temático. Na conversação espontânea, a elaboração e a produção coincidem no eixo temporal, de modo que o texto falado conversacional é marcado em sua superfície por reformulações, que incluem auto e heterocorreções, bem como

hesitações, truncamentos, pausas e paráfrases, entre outros aspectos. Barros (2013, p. 26) considera a entrevista midiática mais próxima dos textos escritos no que se refere ao planejamento. A autora menciona três momentos que envolvem o planejamento textual da entrevista midiática: 1. a preparação pelo entrevistador e, por vezes, pelo entrevistado; 2. a entrevista propriamente dita; 3. a edição. Haveria, portanto, maiores possibilidades de planejamento na entrevista midiática do que na conversação espontânea.

Cabe ressaltar que as entrevistas que compõem o *corpus* deste trabalho foram transmitidas ao vivo pela TV Brasil, de modo que não foram submetidas à edição, o que as aproxima, em alguns aspectos, da conversação espontânea, conforme observaremos adiante. Deve-se lembrar também que existem variadas modalidades de entrevistas (como as entrevistas de emprego, por exemplo), de modo que nem todas são editadas ou apresentam exatamente as mesmas características.

Ao se referir a entrevistas veiculadas pelos meios de comunicação de massa, Barros explica que:

Na entrevista, na verdade, são estabelecidos três diálogos (Barros, 1991) – entre entrevistador e entrevistado, entre entrevistado e audiência, entre entrevistador e audiência – dirigidos pelo entrevistador. No entanto, como a finalidade última da entrevista é a relação com a audiência ou público, a relação entre o entrevistador e o entrevistado é mais complexa, pois eles se tornam cúmplices nas tarefas de informar e persuadir o público, e, ao mesmo tempo, adversários na conquista da audiência. Mesmo assim, os papéis de entrevistador e entrevistado são, em boa parte, mantidos (BARROS, 2013, p. 26).

A entrevista apresentada no programa *Sem Censura*, que ora nos interessa, foi veiculada por meio da televisão, de modo que há proximidade espacial e temporal entre a entrevistadora e os entrevistados, enquanto há distanciamento, no espaço, entre os participantes do programa e a audiência. O fato de os participantes estarem presentes no mesmo ambiente físico, durante o mesmo período de tempo, é um fator relevante no que concerne ao envolvimento emocional que se estabelece entre eles. A proximidade física, com a observação mútua de gestos, as trocas de olhares e demais elementos extralinguísticos,

implica a consideração imediata das reações do interlocutor ao que se diz. A escolha do registro de linguagem, por exemplo, está relacionada imediatamente à construção textual e à imagem social do falante.

Nas entrevistas que analisamos, os entrevistados tenderam a dominar os turnos de fala<sup>3</sup>, visto que um dos objetivos dessa interação era, de modo geral, a exposição das opiniões e experiências dos dois jovens advogados. Sendo assim, os turnos de fala da juíza são relativamente longos, com poucas pausas e ritmo rápido. Já os turnos de fala de Vítor Willcox são mais curtos que os de Soraya Bastos, com a ocorrência de pausas e hesitações mais frequentes.

Outro aspecto a ser considerado na análise de textos orais, como as entrevistas de que nos ocupamos, são os chamados “efeitos de sentido da oralidade”, que, conforme identifica Barros (2013, p. 21), ao abordar a Análise da Conversação, constituem-se pelos seguintes aspectos: proximidade, informalidade, incompletude, efemeridade, reciprocidade. Segundo a autora, esses componentes da oralidade podem ser valorizados positivamente ou negativamente por nossa sociedade. Um dos efeitos de sentido da oralidade é o envolvimento emocional. De acordo com Barros (2006, p. 60), o envolvimento emocional faz parte da proximidade interacional e é valorizado positivamente quando expressa subjetividade e envolvimento afetivo. Segundo a autora (2006), quando exprime falta de objetividade ou excesso de intimidade, a proximidade é valorizada negativamente.

Como se poderá verificar no *corpus* desta pesquisa, o uso recorrente de *você* como pronome indefinido pode estar relacionado à tentativa dos entrevistados de promover a proximidade em seu aspecto positivo, com a ampliação do envolvimento afetivo, porém, com o cuidado de que essa proximidade não seja excessiva, visto se tratar de uma comunicação pública, entre pessoas cujo grau de intimidade é, de certo modo, reduzido, em decorrência, em parte, dos papéis sociais por elas desempenhados nessa interação.

Outras características da conversação espontânea podem ser relacionadas com as entrevistas que analisamos. É o caso dos cinco aspectos que Marcuschi elenca como sendo constitutivos da conversação:

Estas observações servem apenas como preâmbulo à análise da organização elementar da conversação, onde encontramos cinco características básicas constitutivas:

- (a) interação entre pelo menos dois falantes;
- (b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- (c) presença de uma sequência de ações coordenadas;
- (d) execução numa identidade temporal;
- (e) envolvimento numa "interação centrada" (MARCUSCHI, 1986, p. 15).

Observa-se, nas entrevistas (midiáticas ou não), que, assim como na conversação espontânea, deve haver a interação entre, pelo menos, dois falantes (diferentemente dos monólogos e sermões, por exemplo, conforme explica Marcuschi na referida obra), que se comunicam por meio da troca de, pelo menos, um turno. Como na conversação espontânea, os interlocutores devem estar envolvidos em uma sequência de ações coordenadas, ou seja, precisam observar, por exemplo, as sequências de turnos e/ou de perguntas e respostas. Além disso, como na conversação espontânea, em algumas entrevistas (como as que analisamos neste artigo), os interlocutores interagem dentro da chamada "identidade temporal", visto que se comunicam durante o mesmo período de tempo. Outro aspecto a ressaltar é que a entrevista, de modo semelhante à conversação espontânea, caracteriza-se por ser uma interação centrada, isto é, com a participação de dois ou mais interlocutores, cuja "atenção visual e cognitiva", nos termos de Marcuschi (1986, p. 15), está voltada para uma tarefa comum.

### 3. O PRONOME *VOCÊ*

Para se compreender os efeitos de sentido do uso de *você* em interações orais face a face, é necessário considerar a classificação gramatical dessa palavra. Por meio de uma breve consulta a dicionários e gramáticas de usos, é possível perceber que se trata de um vocábulo que oferece dificuldades de classificação. Essas dificuldades refletem-se

nas diferenças que podem ser verificadas entre dicionários e gramáticas no que diz respeito a esse termo.

*Você* desempenha a função gramatical de pronome de tratamento, utilizado quando se refere àquele a quem nos dirigimos, tanto na modalidade oral quanto escrita da língua. O *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) considera o uso de *você* como pronome de tratamento entre indivíduos com igual nível social, econômico ou etário, como em: “Assim, meus colegas aqui presentes, espero de vocês um debate aberto sobre esta questão” (HOUAISS, 2001, p. 2877). *Você* também pertence à classe gramatical dos pronomes indefinidos quando indica “pessoa não especificada; alguém”, conforme registra o referido dicionário. Essa obra oferece o seguinte exemplo do uso de *você* como pronome indefinido: “se *você* não paga a conta, eles cortam o fornecimento” (HOUAISS, 2001, p. 2877), de modo que *você* poderia ser substituído por *alguém*, por exemplo, sem alteração semântica dessa oração condicional.

Ao tratar do uso desse vocábulo no Brasil, o *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) informa que *você* assume o lugar de *tu* como pronome de segunda pessoa, com exceção do que ocorre no extremo Sul e em alguns locais da região Norte do país<sup>4</sup>. Ao substituir o *tu*, *você* é empregado como forma de tratamento íntimo e também como forma de tratamento entre indivíduos com nível social, econômico e etário, por exemplo, equivalente. O *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* também considera que *você* é utilizado como forma de tratamento de superiores para inferiores, como no caso de uma comunicação entre chefes e os funcionários.

No que concerne à etimologia, o citado dicionário apresenta a sequência de mudança diacrônica da forma de tratamento *Vossa Mercê*, conforme está a seguir: “*vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você*; f.hist. 1665 *vossancê*, 1721 *vossancê*, 1721 *vossê*” (2001, p. 2877). Como sinônimos e variantes de *você*, esse dicionário indica: *vacê*, *vancê*, *voncé*.

Já o dicionário *Novíssimo Aulete* (GEIGER, 2012) classifica o vocábulo *você* diferentemente do *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. No primeiro, *você* consta como pronome pessoal e: “Indica a pessoa com quem se fala e funciona como sujeito, complemento etc.”.



Essa forma é empregada também, de acordo com o dicionário, como “referência a pessoa indeterminada (alguém)” e exemplifica: “Quando você se esforça, tem bom resultado.” Sobre o emprego de *você* como pronome de tratamento, o dicionário *Novíssimo Aulete* (2012) informa:

Como forma de tratamento para a segunda pessoa ou ouvinte, *você* substitui o pronome *tu* no português corrente na maior parte do território brasileiro. (Embora substitua o *tu*, o pronome *você*, no Brasil, é us. indistintamente entre as pessoas sejam elas íntimas ou não, sejam elas do mesmo nível social ou não; o que não ocorre em Portugal, visto que neste país só se usa o *você* em casos de intimidade familiar e quando alguém ocupa um lugar superior e dirige-se a alguém em posição inferior, nunca o contrário.). c) Note-se pelos exemplos que, embora *você* se refira à 2ª pess., o verbo que o segue apresenta terminação de 3ª pess.].

Observemos que, diferentemente do *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), o *Novíssimo Aulete* (2012) considera a substituição de *tu* por *você* como corrente “na maior parte do território brasileiro”. De acordo com esse dicionário, o uso de *você* não está condicionado ao fator da intimidade entre os usuários da língua. Sobre a etimologia, o dicionário *Novíssimo Aulete* (2012) considera a sequência: *Vossa Mercê* > *vossemecê* > *vosmecê*.

Devemos retomar também as considerações de Castilho e Elias (2012, p. 84), em sua *Pequena gramática do português brasileiro*, a respeito desse vocábulo:

[...] os pronomes pessoais da primeira e da segunda pessoas, *eu* e *você*, designam os participantes de uma conversação. Juntamente com outras formas que têm a mesma função, elas são tecnicamente designadas palavras *dêiticas* [...] juntamente com *eu*, *você* apenas sinaliza as pessoas do discurso: *eu* representa a primeira pessoa (= aquela que fala), *você* representa a segunda pessoa (= aquela com quem se fala) (2012, p. 84).

Note-se que, para os referidos autores, *você* corresponde a um pronome pessoal que indica a segunda pessoa, ou seja, “aquela com quem se fala”. Pode-se comparar essa classificação, em obra de 2012, com aquela apresentada na *Moderna gramática portuguesa*, de Bechara,

em sua 38ª edição, revista e ampliada, de 2005. O autor não inclui imediatamente, nessa publicação, o *você* entre os pronomes pessoais retos, registrando exclusivamente a forma *tu*. O *você* é apresentado, primeiramente, nessa gramática como forma pronominal substantiva de tratamento indireto da 2ª pessoa com o verbo na 3ª pessoa, sendo que *você* e *vocês* são considerados principalmente como formas para o tratamento familiar e *o Senhor* e *a Senhora* são descritos como formas para o tratamento cerimonioso. Bechara inclui, no entanto, uma observação sobre o uso de *você*: “*Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como plural de *tu*” (2005, p. 166). Conclui-se da observação do gramático que *você* e *vocês* são utilizados como pronomes pessoais e não somente como pronomes de tratamento.

Além de substituir o pronome pessoal *tu* (bem como o *vós* é substituído por *vocês*), o pronome *você* pode assumir muitas funções nos discursos além de indicar a pessoa com quem se fala. No artigo “O lugar do outro”<sup>5</sup>, Luiz Costa Pereira Júnior cita as palavras do professor Jean Lauand sobre o uso de *você* no português e compara-o ao francês:

O português, diz o professor Jean Lauand, da Faculdade de Educação da USP, conseguiu a proeza de tomar para si pronominalmente aquilo que de outro modo nos pareceria distante (retrato 3x4 disso seria a expressão: “Minha Nossa Senhora”). O brasileiro faria, por via pronominal, o impessoal virar pessoal: se o francês, exemplifica Lauand, diz *on* (“*En Espagne on dine rarement avant 22 heures*”), no falar daqui prevalece o “*você*”, para que o interlocutor sinta o alcance pessoal da situação (impessoal) de que se fala: “Na Espanha *você* não janta antes das dez.” A aproximação pessoal dá-se no vocativo paulista “Ô meu” e na expressão “a gente”. Até o pronome oblíquo projeta essa busca brasileira por conexão íntima com as coisas a que faz referência: “Não me bata neste cachorro!” (ferir o cachorro é ferir a mim) (PEREIRA JÚNIOR, 2011<sup>6</sup>).

Portanto, mais do que indicar o interlocutor, o pronome *você* assume outros sentidos e provoca efeitos diversos nas interações face a face. Conforme sinalizam as palavras do professor francês, o uso de *você* como pronome impessoal se relaciona com o envolvimento

do interlocutor: “para que o interlocutor sinta o alcance pessoal da situação (impessoal) de que se fala: ‘Na Espanha você não janta antes das dez’.” Lembremos que seria possível em português a sequência: “Na Espanha, não se janta antes das dez”. Entretanto, pode-se perceber que sequências como “você não janta” (pronome pessoal seguido de advérbio de negação e verbo conjugado) e “não se janta” (advérbio de negação seguido de pronome e verbo conjugado) parecem estar em “competição” na língua portuguesa, em particular, em sua variedade brasileira. *Você* pode apresentar-se como uma forma alternativa utilizada em lugar do pronome impessoal *se*, com a manutenção de sentido semelhante.

Conforme veremos no *corpus* selecionado para este trabalho, partimos da hipótese de que a primeira estrutura sintática citada parece ser mais frequente no texto falado informal do que a segunda. O uso de *você* como recurso para indeterminação de agente é, como indica Moreira (2006<sup>7</sup>), muito frequente na fala: “Estratégia de indeterminação de agente muito usada na língua falada, o uso do pronome ‘você’ encontra sérias restrições na língua escrita, que prefere outras formas, como os pronomes ‘se’ ou ‘nós’.”

A partir do breve levantamento apresentado, percebe-se que o vocábulo *você* causa dificuldades de classificação gramatical. Esse vocábulo pode assumir as funções de: pronome de tratamento, pronome pessoal e pronome indefinido. Esclarecemos que buscamos, neste trabalho, não apenas identificar o uso de *você* como recurso utilizado pelos falantes como estratégia para indeterminação do agente, mas também averiguar, em uma atividade de fala real e espontânea, se esse recurso pode contribuir com o provável enfraquecimento, na fala, do pronome *se*, como elemento para indeterminação do agente. Objetivamos observar quais são alguns dos efeitos que essa estratégia pode proporcionar.

#### 4. ANÁLISE DO *CORPUS*: *VOCÊ* COMO PRONOME DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NA FALA

A partir das reflexões acerca do pronome *você*, acima desenvolvidas, observemos as ocorrências desse termo nas entrevistas

veiculadas no Programa *Sem Censura*, selecionadas para a composição do *corpus* desta pesquisa.

No trecho abaixo destacado, a apresentadora Leda Nagle (L1) dirige-se a Vítor Willcox (L3) e lhe pergunta sobre a dedicação necessária para a aprovação em um concurso público. A conversa entre L1 e L3 é interrompida pela juíza Soraya Bastos (L2), que explica a L1 sobre a importância de se dedicar mais aos estudos do que a atividades de lazer. A juíza realiza um discurso de caráter explicativo e que contém exemplificações, o que propicia o uso das repetições lexicais e sintáticas. Observemos o trecho a seguir:

L1: e você fez sacrifícios? tipo deixar de ir à festa... não passar o carnaval em Santa Catarina...<sup>8</sup>

L3: bastante

L1: a sua geração é essa né?

L3: é essa ((risos))

L1: que vai pra Santa Catarina ((risos))

L3: mas como eu falei né... quando a Soraya tava falando eu acho que ::... o fundamental hoje em dia é você saber como alocar bem seu tempo e... acho que qualquer um pode chegar lá se souber... se dedicar :: ... abrir mão do que tiver que abrir :: ...

L1: e você não se ressentiu nunca assim... ah... amanhã eu tenho uma pr/ não eu preciso estudar não posso ir nessa festa

L3: normal éh...

L1: dane-se... amanhã eu... tem outra festa

L3: é um investimento ((risos))

L2: é porque você estuda hoje né? deixa de ir naquela festa mas daqui a pouco você tem a vida inteira pela frente pra... cê já conseguiu o que cê quis... né?... você às vezes abdica de algumas coisas realmente... eu, por exemplo, quando tava estudando pra concurso... eu ia assim... festas de aniversário... alguns eventos como balé que são coisas éh foi/foi fiz balé muito tempo em Niterói também então assim é uma coisa que eu gosto muito então ia no municipal eventualmente via um

filme ou outro no cinema... mas... cê não pode fazer tanta coisa porque enquanto você tá se divertindo e fazendo muitas outras coisas... tem gente que tá o dia inteiro estudando né? então você (...).

Verifica-se, nesse último turno de L2, relativamente longo, que a falante se utilizou por oito vezes do pronome *você* e três vezes de sua variante *cê*: (1) “você estuda”; (2) “você tem”; (3) “cê já conseguiu”; (4) “cê quis”; (5) “você às vezes abdica”; (6) “cê não pode fazer”; (7) “você tá se divertindo”; (8) “então você”. No trecho a seguir, detecta-se emprego semelhante, com conteúdo explicativo e de exemplificação, o que, como dissemos, parece se relacionar com a utilização de repetições lexicais e sintáticas:

L1: e você vai competir ali...

L2: e você VAI competir ali é uma competição árdua e no final das contas depois da prova objetiva que tem um corte de 300 pessoas você compete com você mesmo então você tá preparado as provas normalmente são provas que se você não souber onde você procurar no seu código ou que cê já não tiver na sua cabeça você não consegue terminar a prova você não vai fazer uma boa prova prova do Rio por exemplo a discursiva são 25 questões ins... escritas quinze linhas mais ou menos os outros estados é Paraná por exemplo são 13 é... Rio Grande do Sul são oito é muita coisa se você não tiver com tudo muito fresquinho muito na ponta da língua...

L1: éh você vai se embananar

L2: assim você abdica de algumas coisas agora pra depois...

L1: é também o mundo não vai acabar... vocês têm essa noção muito clara né...

Por onze vezes, no mesmo turno de fala, L2 emprega o pronome *você* (ou a forma *cê*) quando deseja explicar e exemplificar. Nessa passagem, a falante dá exemplos sobre o que pode ocorrer em uma prova competitiva, como a de um concurso público, e discorre sobre como o candidato deve se preparar para esse tipo de prova. Observe-se que, no trecho destacado da fala de L2, não foi utilizado o pronome *se*,

como ocorre em construções reflexas, conforme exemplifica Bechara, com uma frase de Machado de Assis: “A melhor companhia acha-se em uma escolhida livraria” (BECHARA, 2005, p. 164), típica do discurso escrito prototípico e formal. Seria possível, por exemplo, a ocorrência de estruturas sintáticas como: “quando se compete” (em lugar de “quando você vai competir”); “quando se compete consigo mesmo” ou “quando alguém compete consigo mesmo” (em vez de “você compete com você mesmo”, conforme expresso pela falante); “se não se souber/não soubermos onde procurar no código” (em lugar de “se você não souber onde você procurar no seu código”, como está no enunciado da entrevistada).

Vejam algumas outras possibilidades para substituição do pronome *você*. Em lugar de “você não consegue terminar a prova”, seria possível utilizar: “não se consegue terminar a prova”; “não é possível terminar a prova”; “não conseguimos terminar a prova”; “o candidato não consegue terminar a prova”. O mesmo se pode perceber em relação ao trecho: “você não vai fazer uma boa prova”, que poderia ser expresso como: “não se faz uma boa prova”; “não é possível fazer uma boa prova”; “não fazemos uma boa prova”; “o candidato não faz uma boa prova”. Por meio dessas comparações entre as diversas possibilidades de escolha da falante para a formação de sentenças, nos eixos paradigmático e sintagmático da língua, verifica-se que se deu prioridade ao pronome *você* (ou à forma *cê*).

Cabe ressaltar que uma construção como “o candidato abdica de algumas coisas agora” pode adaptar-se tanto ao uso oral quanto ao uso escrito da língua portuguesa. Não se trata de um uso exclusivo da linguagem de concepção escrita e/ou linguagem formal. Essa dupla possibilidade de uso é relevante, sobretudo, por se tratar da fala de uma juíza, ou seja, de uma usuária da língua que pode dominar as características dos registros falado e escrito. A escolha pela utilização de *você* pode estar relacionada com aspectos de envolvimento emocional e interacional do diálogo analisado. Esse uso pode expressar o envolvimento do falante com o tópico discursivo, assim como parece promover maior proximidade emocional e interacional entre a advogada e a apresentadora à sua frente, bem como em relação ao público telespectador.

Observa-se que *você*, nos trechos citados, pode ser substituído por *alguém*. A falante diz “quando você vai competir” com sentido semelhante de uma sequência como: “quando alguém vai competir”. Seria possível também o emprego de: “quando se vai competir”. Note-se que o uso de *você* pode incluir o interlocutor na experiência relatada, como, por exemplo: “quando você vai competir”, ou seja, “quando você, Leda Nagle, vai competir”, ou ainda, “quando você, telespectador, vai competir”. Nessa passagem, o uso de *você* pode gerar efeito de maior familiaridade, proximidade e, portanto, promover o envolvimento emocional entre os interlocutores, visto que estes são implicitamente incluídos no discurso da falante. O mesmo efeito não seria obtido por meio da utilização do pronome *se* como forma de indeterminação do sujeito. Esse aspecto pode justificar, em certa medida, a seleção de *você* em lugar de *se*.

Usos semelhantes aos citados acima são verificados no turno de fala a seguir:

L2: o meu pai uma vez me falou uma coisa que... que é muito verdade ele falou assim: que concurso público é igual a fila se você permaNEce ali pode ser que eventualmente um ou outro fure a fila entre na sua frente mas se você não desiste vai chegar a sua vez e é BEM isso se você continua naquele ritmo se você não não é... não marca bobeira ((fazendo gesto de aspas)) né digamos assim deixa as pessoas irem entrando porque as pessoas é uma competição as pessoas tão estudando também se você segue num ritmo e você... tem a perseverança vai chegar cê vai passar então é isso... ((risos)).

Há, nesse turno de fala, seis orações condicionais, com a utilização da conjunção *se*, seguida de *você* e de verbo no presente: “se você permanece”; “se você continua”; “se você segue” e “(se) você tem a perseverança”. Ocorrem também as formas negativas: “se você não desiste e se você não não é... não marca”. A juíza utilizou, portanto, *você* por seis vezes, em ocorrências relativamente próximas.

Esse aspecto assume maior relevância se tivermos em perspectiva que o pronome pessoal *se*, para a indeterminação do sujeito, foi empregado pela juíza apenas por duas vezes em toda a entrevista. Essas duas ocorrências, como consta nos turnos de fala abaixo destacados,

são os usos de “o que se espera” (e não “o que você espera”) e “um tratamento mais fácil de se dar” (e não “um tratamento mais fácil de você dar”). Vejamos a sequência:

L2: então hoje em dia o que se espera não são magistrados que simplesmente peguem e apliquem a lei o código lá da forma como tá escrito aquela letra fria da lei você precisa ter um um uma um caráter você precisa olhar pro outro como uma pessoa você precisa olhar praqueles que estão sentados ali pros seus jurisdicionários não como papéis e processos e coisas que você tem que resolver, mas como pessoas que levaram um problema pra você então eu acho que esse quê de psicólogo ((risos)) também é importante e tem dado certo a gente tem conseguido acordos...

Consideremos também:

L2: e no interior você tá mais próximo do jurisdicionário então você sabe mais dos problemas que afetam a sua comarca acho que é um um tratamento mais fácil de se dar eu acho que é mais fácil você fazer a justiça naquele caso concreto... né? a capital o volume é muito sempre muito maior... também tem essas dificuldades mas é claro que eu quero também... depois né? vir chegando pra capital todo o... os passos todos que a gente tem que dar né?

Veja-se que, mesmo ao utilizar o pronome *se*, com a função de indeterminação do sujeito, a falante empregou o pronome *você* por oito vezes nesse mesmo turno de fala. Essa escolha, como dissemos, pode estar relacionada à maior expressividade de *você* em comparação com o pronome *se*. O emprego da forma *você* pode transmitir um sentido de intimidade e envolvimento emocional entre os interlocutores, diferentemente do que ocorre com o uso do pronome indefinido *se*.

A partir dos dados apontados na entrevista selecionada, consideramos que a fala da juíza pode ser uma amostra de que, na interação oral de falantes cultos, *você* pode ser utilizado com uma frequência maior do que *se*. Trata-se provavelmente de formas “concorrentes” na oralidade, sendo que o uso de *você*, quando se realiza um discurso informal, explicativo e com exemplificações a



alguém que nos está próximo, pode, por vezes, como nos exemplos expostos, superar o emprego da forma impessoal *se*. Compare-se, por exemplo, um enunciado como “no interior você tá mais próximo do jurisdicionário então você sabe mais dos problemas que afetam a sua comarca” com “no interior se está mais próximo do jurisdicionário, então, sabe-se mais dos problemas que afetam a sua comarca”. Percebe-se que o primeiro enunciado expressa maior intimidade e efeitos de envolvimento emocional entre os interlocutores do que o primeiro.

Observemos a frequência de uso de *você* nos trechos a seguir, em que Soraya Bastos (L2) interage com Vítor Willcox (L3):

L2: e eu acho que você num você tá sempre estudando porque são todas as matérias você ao mesmo tempo que é bom você ser especialista e tratar de uma coisa você vê aqueles assuntos recorrentemente e você já sabe o modo que você dá ao mesmo tempo você ter vários assuntos pra resolver é mais desafiador... éh e eu gosto é

L3: você poder lidar lidar com vários assuntos eventualmente até mudar de Área trabalhar numa outra numa outra área acho isso muito... muito instigante né?

Nessa passagem, a juíza parece utilizar-se de *você* para incluir não só uma referência aos demais interlocutores, mas também a si mesma. Talvez, a locutora queira expressar que, em sua profissão, ela necessita estudar sempre e que, ao mesmo tempo, em que é bom que ela seja uma especialista, é necessário também para ela e os demais advogados, em suas carreiras, conhecer vários assuntos. Ela exprime a ideia de que, para um profissional como ela, é mais desafiador “ter vários assuntos para resolver”. O conteúdo do turno de fala da juíza e do breve turno do procurador diz respeito, portanto, a experiências dos próprios profissionais e não necessariamente dos demais interlocutores.

Verifica-se, assim, o sentido de *você* como forma de referência ao próprio *eu* e ao grupo (grupo profissional, nesse caso) a que pertence o falante. A juíza poderia afirmar, por exemplo: “eu estou sempre estudando, porque o trabalho de uma juíza envolve todas as matérias”. Ou então: “o profissional do Direito está sempre estudando, porque o seu trabalho envolve todas as matérias”. Salientamos que a citada

referência ao próprio *eu* ou a um grupo, por meio do uso de  *você*, pode ser detectada não somente nos dois últimos turnos de fala acima transcritos, mas em diversas outras passagens das entrevistas. É o que ocorre, por exemplo, no já citado turno de fala em que a juíza Soraya Bastos comenta sobre a necessidade de abdicar de várias atividades para se dedicar aos estudos:

L2: é porque você estuda hoje né? deixa de ir naquela festa mas daqui a pouco você tem a vida inteira pela frente pra... cê já conseguiu o que cê quis... né?... você às vezes abdica de algumas coisas realmente... eu, por exemplo, quando tava estudando pra concurso... eu ia assim... festas de aniversário... alguns eventos como balé que são coisas éh foi/foi fiz balé muito tempo em Niterói também então assim é uma coisa que eu gosto muito então ia no municipal eventualmente via um filme ou outro no cinema... mas... cê não pode fazer tanta coisa porque enquanto você tá se divertindo e fazendo muitas outras coisas... tem gente que tá o dia inteiro estudando né? então você (...).

Essa recorrente estratégia de indeterminação do agente pode demonstrar que esse é um recurso discursivo adotado quando o falante deseja aproximar-se emocionalmente do interlocutor. Trata-se de uma estratégia que pode visar à inclusão, no discurso, das figuras do próprio enunciador, do interlocutor e dos demais participantes da interação com vistas a promover maior grau de interatividade. Assim, o uso de  *você* atribui à conversação espontânea caráter de informalidade e promove o envolvimento interacional.

Cabe destacar que a mesma estratégia discursiva é empregada pelo falante Vítor Willcox (L3), como se verifica no trecho a seguir:

L3: mas como eu falei né... quando a Soraya tava falando eu acho que ::... o fundamental hoje em dia é você saber como alocar bem seu tempo e... acho que qualquer um pode chegar lá se souber... se dedicar :: ... abrir mão do que tiver que abrir :: ...

O falante poderia ter se utilizado de uma sentença como: “o fundamental, hoje em dia, é saber como alocar bem o tempo”, sem o

emprego de *você*. Entretanto, como se trata de uma interação face a face, o uso de *você*, como elemento indeterminador do agente, parece contribuir com a aproximação interacional dos interlocutores.

Deve-se observar que, ao se considerar a concepção textual-interativa, a repetição é um recurso característico do texto falado (MARCUSCHI, 1997). Trata-se de uma consequência do processo de formulação textual, relacionada com as possibilidades reduzidas de planejamento textual que caracterizam a fala. Nos turnos de fala anteriormente transcritos, nota-se que a repetição de *você*, como recurso para indeterminação do sujeito, revela-se como uma estratégia para contribuir com a progressão textual. Os locutores buscam oferecer exemplos precisos e explicativos de suas vivências. Sendo assim, o uso de *você* parece contribuir com a inclusão subjetiva dos demais interlocutores no discurso, como se eles participassem de maneira aproximada das experiências vividas pelos falantes. Conclui-se que se trata de uma estratégia discursiva da interação oral, com objetivos específicos e que visa, em particular, ao envolvimento emocional e interacional dos falantes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se apresentar, neste artigo, alguns dos aspectos relacionados ao emprego de *você* nos textos de falantes cultos, ou seja, falantes com nível de instrução superior e que, portanto, foram apresentados a estratégias para utilização de textos escritos e falados. Observou-se o uso recorrente de *você* como pronome indefinido nas falas de indivíduos que participaram de entrevistas televisivas, de modo que se percebe a preferência pelo emprego desse pronome em relação à utilização do pronome *se*. É possível considerar que a preferência pelo emprego de *você* como pronome indefinido nas interações analisadas esteja relacionada à obtenção de “efeitos de oralidade”, entre os quais se inclui o desejo de estabelecer proximidade emocional entre os interlocutores.

Tratou-se, neste estudo, de um tema a ser explorado por meio da análise de outros *corpora*. Em razão das dimensões deste artigo, foi analisado o uso de *você* apenas nos turnos de fala de dois entrevistados

do Programa *Sem Censura*. Os trechos destacados nos pareceram relevantes por apresentarem a fala de dois jovens advogados que superaram difíceis provas de concursos públicos e que, pela profissão que assumiram, necessitam ter bom domínio da comunicação e da expressão. Conclui-se, por meio da pequena amostra de textos apresentada, que o uso de *você* como pronome indefinido constitui uma estratégia interacional importante dos textos falados, de modo que talvez venha a substituir, na modalidade falada da língua, sobretudo no registro coloquial, o pronome *se* como índice de indeterminação do sujeito.

THE USES OF “YOU” AS A FORM OF INDETERMINACY OF THE SUBJECT IN CULTURED SPEAKERS SPEECH

ABSTRACT

The main purpose of this article is to describe and to analyze the uses of the pronoun *você* (you) in spoken interactions in Portuguese. The *corpus* is composed by interviews presented in the television program *Sem Censura*, whose theme was “Exponents of the so-called Generation Y”. We adopted the theoretical assumptions of Conversation Analysis, in particular the studies of Marcuschi (1986) and Barros (2013). Our hypothesis is that *você* (you) can be used by speakers as an indefinite pronoun in order to obtain expressive effects, such as emotional involvement between speakers.

KEYWORDS: orality, pronouns, interview.

---

LOS USOS DE “VOCÊ” (*USTED*) COMO FORMA DE INDETERMINACIÓN DEL SUJETO EN EL DISCURSO DE HABLANTES CULTOS

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar el uso del pronombre *você* (*usted*) en interacciones orales en portugués. El *corpus* utilizado corresponde a entrevistas del programa de TV *Sem Censura*, cuyo tema fue “Los exponentes de la llamada Generación Y”. Se adoptaron los supuestos teóricos del Análisis de la Conversación, específicamente de Marcuschi (1986) y Barros (2013). Nuestra hipótesis es que el pronombre indeterminado *você* (*usted*) podrá ser utilizado

por los *interactuantes* para obtener efectos de expresividad, entre los que se incluye la implicación emocional entre los interlocutores.

PALABRAS-CLAVE: oralidad, pronombres, entrevista.

---

## 6. NOTAS

- 1 Informações sobre o programa Sem Censura estão disponíveis no endereço eletrônico: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/semcensura/sobre>>.
- 2 O episódio de que tratamos neste trabalho, com as entrevistas que analisamos, está disponível no endereço eletrônico: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/semcensura/episodio/sem-censura-recebe-exponentes-da-chamada-geracao-y>>.
- 3 Utiliza-se aqui o termo “turno” com o sentido que lhe atribui Marcuschi, no contexto da Análise da Conversação: “[...] o turno pode ser tido como aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade de silêncio” (1986, p. 18). Trata-se de um dos elementos básicos de qualquer conversação.
- 4 Cabe destacar que, na cidade de Santos, no Estado de São Paulo, por exemplo, em situações de comunicação informais e familiares, o pronome de segunda pessoa *tu* tende a ser utilizado em lugar de *você*, sendo que o verbo que acompanha o *tu* tem a terminação de terceira pessoa, como em: “Tu vai lá”.
- 5 O artigo foi veiculado pelo *site* da Revista *Língua Portuguesa* e está disponível no endereço eletrônico: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/67/artigo249105-1.asp>>.
- 6 Como a citação foi extraída de um documento eletrônico, não há indicação de número de página.
- 7 Por se tratar de documento eletrônico, não há indicação de número de página para esta referência. O trecho citado pode ser acessado em: <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/7/07.htm>>.
- 8 Conforme as regras para transcrição de textos falados do NURC-SP, adotamos, nas transcrições incluídas neste artigo, as seguintes normas: são

utilizadas reticências (...) para indicar a ocorrência de qualquer pausa; para prolongamento de vogal ou consoante, empregam-se dois pontos (como em: “dedicar ::”, com prolongamento da pronúncia da consoante final); para truncamentos, usa-se a barra (/). Comentários descritivos do transcritor são indicados entre dois parênteses, como, por exemplo: ((risos)). A entonação enfática é sinalizada com maiúscula, como em: “e você VAI competir ali”.

## 7. REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Efeitos de oralidade no texto escrito. In: PRETI, Dino (Org.). *Oralidade em diferentes discursos*. Série Projetos Paralelos NURC-SP. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 57-84.

\_\_\_\_\_. Comunicação de risco. In: PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros (Org.). *Comunicação na fala e na escrita*. Série Projetos Paralelos NURC-SP. São Paulo: Humanitas, 2013. p. 21-48.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CASTILHO, Ataliba T. de.; ELIAS, Vanda Maria. *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

GEIGER, Paulo (Org.) *Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 29 maio 2015.

HOUAISS, Antônio. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 27 maio 2015.

JUBRAN, Clélia C. A. S.; KOCH, Ingedore G. V. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. O lugar do outro. In: Revista *Língua Portuguesa*. São Paulo: Segmento, 2011. Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/67/artigo249105-1.asp>>. Acesso em: 25 maio 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. “A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual”. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Edunicamp/Fapesp, 1997. Volume IV. p. 95-130.

MOREIRA, Jorge de Azevedo. “Entre a norma padrão e a norma culta escrita uma análise dos usos lingüísticos em Luiz Fernando Veríssimo”. In: Cadernos do X CNFL, V. X, n. 14. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xcnlf/7/07.htm>>. Acesso em: 25 maio 2015.

PRETI, Dino. “A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais”. In: PRETI, Dino (Org.). *O discurso oral culto*. Série Projetos Paralelos. São Paulo: Humanitas – FFLCH-USP, 1997. Volume 2. p. 29-43.

---

Submetido em 17 de abril de 2015.

Aceito em 12 de março de 2016.

Publicado em 23 de novembro de 2016.

---

